

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA LANGUAGE VARIATION IN THE TEACHING OF ENGLISH

Paula Kracker Francescon¹

francesconpaula@gmail.com

Fábio Henrique Rosa Senefonte²

capmont@hotmail.com

Joyce Elaine de Almeida Baronas³

joyal@uel.br

Resumo: Com base nos pressupostos sociolinguísticos, sabe-se que toda língua, enquanto heterogênea, fluida e multifacetada, apresenta variações tanto por fatores internos, quanto externos (ALKMIN, 2001; CAMACHO, 1983; 2001; entre outros). Sob tal perspectiva, a presente pesquisa bibliográfica objetiva investigar se, e como, a variação linguística é vista nos Documentos Oficiais para o ensino de língua estrangeira no Brasil (BRASIL, 2000; PARANÁ, 2008), bem como em dois livros didáticos adotados na rede pública de educação do estado do Paraná (PARANÁ, 2006; DIAS; JUCÁ; FARIA, 2010). Os resultados do corpus analisado apontam que ambos os documentos prescrevem a abordagem da variação linguística nas aulas de línguas. Em relação ao material didático, nota-se a presença de variação nos textos expostos, embora não haja propostas que contemplem efetivamente o fenômeno variacional em fatores diacrônicos, geográficos, sociais ou de estilo.

Palavras-chave: Variação linguística. Língua inglesa. Material didático.

Abstract: Based on sociolinguistic assumptions, it is known that every single language, being heterogeneous, fluid and multifaceted, varies due to factors both internal and external (ALKMIN, 2001; CAMACHO, 1983; 2001; and others). Under this perspective, this present bibliographic research aims at investigating whether and how the language variation is seen in the Official Guidelines for the teaching of foreign language in Brazil (BRASIL, 2000; PARANÁ, 2008), as well as in two textbooks adopted in public education of the state of Paraná (PARANÁ, 2006; DAYS; JOEY; FARIA, 2010). The results of the corpus analyzed indicate that both documents prescribe the approach to language variation in language classes. Regarding the materials, the presence of variation is noted in the texts studied, although there are no proposals that address effectively the variational phenomenon, concerning diachronic, geographical, social or stylistic factors.

Key words: Language variation. English language. Didactic material.

1 Considerações iniciais

Ao considerar a língua como um meio de comportamento social, compreendemos que a sociedade é muito diversificada, e o uso da linguagem segue esse padrão. Desse modo, a

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina - UEL.

² Mestrando em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina - UEL.

³ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Atualmente é professora associada da Universidade Estadual de Londrina.

língua varia de acordo com as pessoas que a usam e de acordo com o contexto de comunicação no qual ela é utilizada. Assim, o ensino de línguas visa a propiciar aos alunos a competência comunicativa, ou seja, “capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação” (TRAVAGLIA, 2002, p. 17).

Sabemos que isso é especialmente difícil, quando a língua-alvo do ensino é estrangeira, uma vez que os alunos não trazem a bagagem linguística que eles têm, como é o caso da língua materna. Portanto, nessa situação, é mais complexo o trabalho pedagógico para que se ensine uma língua para uso em contextos reais. Assim, para que se alcance aquele objetivo, é importante que se adote uma pedagogia que propicie o uso da língua em situações de interação reais, considerando as variações de acordo com os contextos de uso.

Considerando que, na maioria das vezes, o livro didático é o principal instrumento utilizado pelo professor de língua estrangeira em sua atividade docente, o objetivo deste trabalho é observar como alguns dos materiais utilizados no estado do Paraná e, mais especificamente, na cidade de Londrina trabalham com a questão da variação linguística em seus textos e atividades. Como, para ser liberado para a utilização pelas escolas públicas nacionais, o livro didático deve seguir apontamentos propostos pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), um documento que apresenta esses direcionamentos também será analisado. E, ainda, observamos os documentos oficiais que regem o Ensino Médio no Paraná (Parâmetros Curriculares Nacionais, BRASIL, 2000; Diretrizes Curriculares Estaduais, PARANÁ, 2008), que servem como base para a atividade docente em sala e que, portanto, devem ser refletidos na construção dos livros didáticos.

A partir da análise desse corpus, pretendemos notar as observações feitas pelos documentos oficiais sobre a importância do ensino das variedades linguísticas em aulas de língua estrangeira. Além disso, pretendemos examinar se a forma como os livros didáticos trabalham com as variedades propicia que os alunos utilizem diferentes variedades linguísticas em diferentes contextos de uso, que saibam observar os diferentes dialetos e pronúncias da língua estrangeira e que possam discutir sobre os motivos e efeitos das variações da língua.

2 Variação linguística e ensino

À luz da Sociolinguística, entende-se a língua como um complexo heterogêneo, inacabado, dinâmico, fluido e multifacetado⁴. Além disso, considera-se que a língua é reflexo da sociedade (ALKMIN, 2001; CAMACHO, 2001; MARCUSCHI, 2008; entre outros). Diante de tal circunstância, é acertado afirmar que toda língua apresenta variações. Sob essa perspectiva, acredita-se que, quanto mais estratificações sociais houver em uma determinada comunidade, mais variações linguísticas ocorrerão (REMENCHE, 2003). Assim, o contexto é fator primordial para que a variação linguística ocorra (CASTILHO, 2002).

Dentro de uma mesma comunidade, podem ocorrer variações devido a fatores políticos, de escolaridade, de gênero, religiosos, econômicos, entre outros. Todavia, a variação também pode ocorrer entre diferentes comunidades, devido a fatores geográficos, principalmente.

Portanto, no que concerne à Sociolinguística, reiteramos as palavras de Rodrigues (2005, p. 17):

[...] entendemos a Sociolinguística como um ramo da Linguística, de caráter interdisciplinar, que concentra seus estudos na língua enquanto entidade concreta, heterogênea, na sua relação com seus usuários no contexto geográfico, social e interacional. Além disso, a Sociolinguística se interessa em analisar as atitudes dos usuários em relação às formas da língua, conforme o grau de prestígio destas formas, ou mais propriamente, o grau de prestígio de seus usuários.

Em linhas gerais, existem basicamente quatro tipos de variações linguísticas: *variação diacrônica*, que resulta de mudanças ocorridas ao longo da história de uma língua. No plano sincrônico, temos a *variação diatópica*, causada por fatores geográficos; a *variação diastrática*, resultado de fatores sociais, como idade, sexo, classe social, entre outros. E por último, a *variação diafásica* ou estilística, que diz respeito à adequação a um determinado contexto (ALKMIN, 2001).

Diante dessa gama de variedades linguísticas, é comum a sociedade eleger apenas uma como o modelo, o padrão a ser seguido. Essa variedade é escolhida por fatores políticos e econômicos e não linguísticos (ALKMIN, 2001), já que nenhuma variedade, linguisticamente falando, é melhor que a outra. Assim, a norma elitizada é tida como única e correta; já as

⁴ Tais características são atribuídas à língua, uma vez que esta apresenta inúmeras variações (nos diferentes segmentos sociais), mudanças (ao longo da história) e diferentes possibilidades de expressão. Além disso, a língua está em constante renovação, o que possibilita a criação de novas estruturas linguísticas. Ver mais detalhes em Bagno (2007), Calvet (2002), Labov (2008) entre outros.

demais variedades são estigmatizadas, consideradas desvios, erradas, subculturas (PRETI, 2000; 2005; CAMACHO, 2001).

Dessa forma, tal postura linguística influencia diretamente a escola, especialmente nas aulas de línguas. A escola tem priorizado o ensino da gramática normativa, ou seja, a norma culta é a única a ter espaço nas aulas (CAMACHO, 1983). Portanto, o ensino de línguas no contexto brasileiro tem um caráter reducionista, ao não explorar as dimensões existentes no complexo linguístico (SUASSUNA, 2005).

No ensino de língua inglesa no contexto brasileiro, além da priorização da gramática nas aulas, outro fator contribui para o impedimento da abordagem de outras variedades linguísticas: o grande poderio político e econômico que os Estados Unidos exercem no mundo nos dias atuais (RAJAGOPALAN, 2003). Portanto, as aulas de língua inglesa no Brasil, além de priorizarem a gramática normativa, também priorizam o inglês americano (privilegiando a norma inglesa culta), bem como sua cultura. Em porcentagem muito pequena, a variedade britânica é abordada. Em relação às demais variedades inglesas (canadense, australiana, indiana, entre outras), constata-se que raro ou nenhum espaço é reservado para elas (SENEFONTE, 2011).

Com tal aporte teórico em pauta, a próxima seção traz uma investigação de como os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (ambos para o ensino de língua estrangeira no ensino médio) abordam a questão das variedades linguísticas nas aulas.

3 Variação linguística nos documentos oficiais

Apesar da realidade exposta na seção anterior, os documentos oficiais que regulam o ensino de línguas no Brasil (Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCN) e no Paraná (Diretrizes Curriculares Estaduais, doravante DCE) defendem a concepção de língua como ato social e seu caráter comunicativo. Portanto tais documentos direcionam o ensino de línguas, tanto a materna como a estrangeira, para o aprendizado de usos da língua em diferentes situações comunicacionais e o acesso a diversas variedades da língua estudada, permitindo ao aluno a escolha da variedade de acordo com a adequação ao contexto de uso (BRASIL, 2000; PARANÁ, 2008).

Os PCN e as DCE para o ensino de línguas estrangeiras no Ensino Médio focam a adequação do uso da língua estudada em diversos contextos de comunicação, considerando o registro e o vocabulário a ser utilizado de acordo com os aspectos sociais e culturais da

situação comunicacional. Porém os PCN também registram que as aulas de língua estrangeira devem proporcionar aos alunos a competência de “saber distinguir entre as variantes linguísticas” (BRASIL, 2000, p. 28). Essa referência conduz à compreensão de que, além das variações de acordo com o contexto de uso, no caso da língua estrangeira, outras variedades (geográficas, grupos sociais entre outras) também devem ser levadas em consideração.

Para corroborar essa compreensão, entre os critérios de aceitação de livros didáticos de língua estrangeira pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem-se a exigência de que os livros didáticos apresentem “textos representativos das comunidades falantes da língua estrangeira” e atividades de compreensão oral “com materiais gravados em CD de áudio, em atividades baseadas em gêneros e propósitos variados, que permitam o acesso a variedades linguísticas (diferentes pronúncias e prosódias)” (BRASIL, 2009, p. 24-25)⁵. Assim, observamos que os alunos devem ter acesso às diversas variedades da língua.

Dessa forma, observamos que os direcionamentos previstos pelos documentos oficiais (PCN e DCE) que regem o ensino de língua estrangeira no estado do Paraná legitimam os pressupostos da Sociolinguística em relação à importância da variação linguística no ensino de línguas. Como já apontado neste trabalho, a realidade das salas de aula nem sempre segue esses direcionamentos; e as aulas de língua estrangeira ainda estão longe de focar os usos e contextos comunicacionais como base para o ensino (BRASIL, 2000)

Na sequência, apresentamos a análise de dois livros didáticos para o ensino de língua inglesa no Ensino Médio, ambos adotados por escolas no estado do Paraná e, mais relevante para esta pesquisa, na cidade de Londrina. Na análise dos livros didáticos, observamos como questões referentes à variação linguística são abordadas pelos materiais.

4 Variação linguística nos livros didáticos⁶

Para a análise do corpus, escolhemos dois livros⁷ de língua inglesa, voltados para o Ensino Médio, adotados pelas escolas públicas do estado do Paraná: ‘*Prime: Inglês para o Ensino Médio*’, de Reinildes Dias, Leina Jucá e Raquel Faria, volumes 1, 2 e 3, da editora Macmillan, de 2010, e ‘*Língua Estrangeira Moderna Espanhol – Inglês (Ensino Médio)*’, da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, volume único, de 2006.

⁵ Essas observações se referem aos critérios de seleção de livros didáticos para 2012.

⁶ Com esta seção, não objetivamos a uma análise pormenorizada de cada unidade dos livros em questão. Nossa análise diz respeito a um panorama geral do livro como um todo, inclusive do livro *Prime*, que é dividido em três volumes.

⁷ Salientamos que um dos livros é acompanhado por CD de áudio. No entanto, analisamos somente a parte escrita do livro, já a maior parte do CD é apenas a gravação dos textos escritos presentes ao longo das unidades.

Como demonstrado na seção acerca dos Documentos Oficiais para o ensino de língua inglesa, tanto os PCN quanto as DCE, prescrevem o trabalho com a variação linguística nas aulas de língua estrangeira no contexto brasileiro. Posto isto, investigaremos os dois materiais didáticos supracitados, a fim de diagnosticar se a variação linguística está efetivamente presente nos materiais (como prescrito pelos documentos) e de que forma isso acontece.

Dessa forma, recorrendo ao referencial teórico exposto, buscaremos analisar qual(is) tipo(s) de variação estão presentes nos livros. No que concerne à língua inglesa, a variação diacrônica diz respeito às fases, transformações que a língua sofreu durante sua história (questões referentes ao *Old English*, *Middle* e *Modern English*, por exemplo). A variação diatópica refere-se aos inúmeros dialetos falados em diferentes países de língua inglesa, ou, até mesmo, em um mesmo país. No que tange à variação diastrática, podemos citar como exemplos a característica peculiar da fala dos jovens, com acentuado uso de gírias, ou a fala de um grupo religioso, com escolha lexical voltada a temas religiosos, entre outros. E, por último, a variação diafásica, que se refere aos diferentes estilos, como inglês culto, coloquial, e assim por diante.

4.1. Prime

O referido livro é dividido em três volumes para as respectivas séries do Ensino Médio. Cada volume apresenta doze unidades. O livro *Prime* ancora-se na perspectiva do trabalho com gêneros textuais, dessa forma cada unidade centraliza um gênero.

Podemos dizer que cada unidade é composta de quatorze partes estruturantes⁸: *Abertura* (traz o tema central da unidade), *Have your say* (momento em que o aluno expressa opiniões, ativando conhecimentos prévios), *Reading beyond the words* (interpretação de textos), *Genre analysis* (características do gênero abordado na unidade), *Vocabulary* (vocabulário relacionado ao gênero tratado), *Grammar* (pontos gramaticais relacionados ao gênero), *In other words* (explicações dos tópicos gramaticais), *Practice makes perfect* (atividades gramaticais), *Put it in writing* (produção de textos), *TalkActive* (desenvolvimento das habilidades orais), *The way it sounds* (atividades de compreensão auditiva), *Self-assessment* (autoavaliação), *Going beyond* (dicas de como aprender inglês) e *Career spot* (apresenta a língua dentro de um contexto profissional).

⁸ Algumas destas estruturas não estão em todas as unidades. Elas aparecem alternadamente, como a estrutura *Career spot*, que aparece a cada duas unidades.

Posto isso, mostraremos se, e de que forma, a variação linguística está presente no livro *Prime*. No que concerne à variação diacrônica, há apenas uma nota explicativa, na primeira unidade do primeiro volume acerca das palavras *trash* e *fall*, que, originalmente, eram britânicas e atualmente são mais comuns na variedade americana. Não há qualquer exploração de tal variação, ela aparece apenas como um fato de curiosidade em nota de rodapé.

Acerca da variação diatópica, há alguns textos produzidos por pessoas de outros países, como Índia, Quênia (na oitava unidade do primeiro volume e na quarta unidade do terceiro volume). Contudo a questão da variação linguística não é abordada. Embora os textos sejam produzidos por pessoas de outras nacionalidades, a norma padrão americana prevalece. Em algumas unidades, como a segunda e terceira do primeiro volume, há textos em que temas culturais são tratados: fala-se do Brasil e da Inglaterra por meio de textos em que expressões brasileiras aparecem. Na perspectiva de inglês como língua internacional, tais textos seriam uma oportunidade propícia para o trabalho com a variedade brasileira, britânica, indiana e as demais variedades da língua inglesa, contudo os textos não são explorados de forma que levem o sujeito a perceber e a discutir as diferenças dialetais em questão.

No que tange à variação diastrática, há textos⁹ de grupos específicos, como de biólogos, policiais, empresários (primeiro volume). No entanto não há variação linguística. A norma padrão americana prevalece, sem uma exploração de palavras, expressões específicas que identifiquem o determinado grupo social. No segundo volume (unidade dois) e no terceiro (unidades dois e cinco), aparecem inúmeros textos produzidos em relação ao universo dos jovens, sendo alguns textos criados pelos próprios adolescentes. Dessa forma, seria pertinente abordar as características típicas da fala do grupo em questão, como a presença de gírias, coloquialismos, entre outros. Contudo não há exploração alguma nesse sentido.

Em relação à variedade diafásica, são escassas as situações em que se encontre algum texto que não esteja na norma padrão americana (*Standard English*). Mesmo em diálogos informais ao longo das unidades, tal norma prevalece. No terceiro volume (unidades cinco e doze), há a presença de alguns *phrasal verbs* (mais comuns em situações informais) e de diálogos em que uma ou duas expressões informais aparecem. Em relação aos *phrasal verbs*, há atividades que exploram outras formas de dizê-los (em situações formais, por exemplo), no entanto não há nenhuma discussão/reflexão do processo de variação em si nem dos reflexos

⁹ Textos não autênticos, produzidos para fins didáticos.

que tais variações têm na sociedade. Em relação aos diálogos com algumas expressões informais, nenhuma atividade a respeito do processo de variação é proposta.

Visto tal panorama, concluímos que, no livro em questão, a presença da variação linguística é escassa, presente em alguns textos ao longo de três volumes. Todavia, frisamos que a presença da variação linguística nesse material não é um indício de que ela seja abordada nas aulas, já que não existem propostas de atividades que contemplem o fenômeno e que levem a uma reflexão de suas causas e de seus efeitos na sociedade.

4.2. *Língua Estrangeira Moderna Espanhol – Inglês*

O material didático em questão foi produzido pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Entre os anos de 2003 a 2006, foram realizados encontros de formação continuada com professores de todo o estado; e as discussões desses encontros originaram as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (TORTATO, 2010). Além de tal contribuição, os encontros supracitados renderam a produção de livros didáticos das disciplinas escolares, incluindo o livro de língua estrangeira.

O livro é um volume único para o Ensino Médio, contendo as disciplinas de língua espanhola (primeira parte do livro) e língua inglesa. Para cada língua, são dedicadas nove unidades. Uma vez que nosso foco recai sobre língua inglesa, não analisamos a parte de língua espanhola.

Assim, na parte de língua inglesa, cada unidade é rica em textos diversos que contemplam um determinado tema. Além dos textos, as unidades usualmente apresentam partes estruturantes, tais como: *Task* (atividades relacionadas aos textos propostos), *Make a survey* (realização de pesquisas complementares), *Discuss* (envolve discussões acerca dos tópicos apresentados nas unidades).

Com tais características expostas, analisaremos a questão da variação linguística. A variação diacrônica aparece na primeira e oitava unidades. Na primeira unidade, é proposta uma atividade de transposição de textos escritos no inglês arcaico para o moderno (obras de Shakespeare). No entanto não há uma reflexão sobre o fenômeno da variação diacrônica em si: as mudanças sofridas pela língua ao longo da história, as marcas linguísticas deixadas, os reflexos disso na contemporaneidade, entre outros. Na oitava unidade, há apenas um texto expondo a história da língua inglesa, contendo exemplos de palavras que sofreram transformação. Não há propostas de atividades acerca da variação linguística para o texto em questão.

No que diz respeito à variação diatópica, semelhante ao livro *Prime*, há textos sobre temas culturais e, dessa forma, o dialeto brasileiro é colocado em pauta. Há uma atividade que explora a variação dialetal no Brasil (unidade oito), contudo julgamos ser inadequada para um livro de língua inglesa, já que a atividade explora os dialetos no Brasil em relação à língua portuguesa. Em se tratando de língua inglesa, seria pertinente o foco nas variações dialetais em língua inglesa, o que não ocorreu. Reconhecemos que o Brasil fale inglês e que a variedade brasileira (ou mesmo de variações de uso do inglês no Brasil) também deva ser reportada, porém o livro se prendeu quase totalmente a uma variedade americana (*Standard English*). Ainda na oitava unidade, a variedade britânica foi abordada por meio de uma lista comparativa de diferenças lexicais em relação à variedade americana. Portanto nenhuma atividade foi proposta no tocante à exploração da variação linguística. Além disso, há o agravante do reforço da crença de que somente existem essas duas variedades e que, pior ainda, elas são homogêneas em si.

Sobre a variação diastrática, apenas na quarta unidade existe um vago indício para a abordagem de tal fenômeno. Na referida unidade, há um texto que cobre a linguagem específica usada na comunicação por meio da Internet. Consideramos que tal tópico tem a ver com a variação diastrática, pois há uma linguagem específica que caracteriza um grupo (internautas, as pessoas que fazem uso dessa ferramenta). Ainda, entendemos que o tópico também diz respeito à variação diafásica, por se tratar de uma linguagem informal, de acordo com um contexto específico (espaço cibernético). Embora tal texto cubra algumas expressões típicas desse contexto, não há proposta de atividade que contemple o fenômeno variacional em si, não há preocupação em se compreender por que essa linguagem se caracteriza de tal forma, quais os reflexos disso na escola, na sociedade, entre outros apontamentos.

Para a variação diafásica, além do exposto no parágrafo anterior, podemos mencionar a primeira unidade, que apresentou o trecho de um filme contendo uma linguagem informal, com uma série de coloquialismos, gírias, entre outras expressões. Além de uma atividade de simples tradução das expressões, houve a seguinte proposta: “Esteja familiarizado com todas essas expressões ao ler jornais, assistindo a TV e a filmes, lidando com a língua do dia a dia!” (PARANÁ, 2006, p. 164, *tradução nossa*)¹⁰. Tais propostas evidenciam que não houve qualquer atividade efetiva que explorasse o fenômeno em questão da variação linguística.

¹⁰ *Be familiar with all of these expressions by reading newspapers, watching TV and movies, facing the daily language!*

Assim como no livro anteriormente analisado, frisamos que a variação linguística está presente no livro *Língua Estrangeira Moderna Espanhol - Inglês* (até mais do que em relação ao livro *Prime*), no entanto não há atividade que explore a variação linguística efetivamente. Dessa forma, o resultado de ambos os materiais analisados caminham para a mesma direção: a variação linguística é um assunto negligenciado nas aulas de língua inglesa. Assim, há a eleição de uma única variedade linguística (inglês americano), evidenciando um caráter reducionista de ensino de línguas. Entendemos que tal postura priva o aluno do contato com outras variedades e, portanto, limita-o no que diz respeito a sua competência comunicativa.

5 Considerações finais

Neste trabalho, visamos a observar questões referentes à variação linguística no ensino de língua estrangeira, mais especificamente a língua inglesa. Para isso, analisamos os documentos oficiais que regem o ensino de língua inglesa no Ensino Médio no estado do Paraná (PCN e DCE) e dois livros didáticos para o ensino do idioma (*Língua Estrangeira Moderna Espanhol-Inglês* e *Prime*), também para o Ensino Médio. O propósito da análise é de observar como os documentos contemplam a importância da variação linguística no ensino de língua estrangeira e como os livros didáticos propõem o trabalho com as variedades linguísticas de um idioma. Mesmo no ensino de língua estrangeira, observamos que o trabalho com as variedades da língua é importante para levar o aluno a desenvolver uma competência linguística que lhe permita utilizar a língua em várias situações comunicacionais diferentes.

A necessidade do ensino das variedades linguísticas nas aulas de língua estrangeira é observada nos documentos oficiais de regulamentação do ensino (PCN e DCE), assim como no documento oficial que expõe as condições necessárias para a confecção dos livros didáticos a serem adotados na rede pública de saúde. Esses documentos apontam que o ensino de língua estrangeira deve contemplar as variedades linguísticas de acordo com o contexto de seu uso, das pessoas que a usam e do lugar em que é utilizada, observando as diferenças de dialetos e pronúncias, por exemplo.

Com base na análise dos livros didáticos, concluímos que há uma pequena presença de variedades linguísticas, principalmente em textos. Porém não há atividades propostas para proporcionar uma reflexão a respeito das variações como, por exemplo, discutindo sobre os contextos de uso e suas variantes, ou os motivos e os efeitos sociais das variações. Assim, a partir dos pressupostos dos documentos oficiais, notamos a necessidade de uma melhora no

tratamento das questões de variação linguística nos manuais didáticos de língua inglesa, a fim de poderem proporcionar reflexões mais profundas a respeito dos usos da língua.

É importante ressaltar que, para este trabalho, analisamos dois dos muitos livros didáticos disponíveis para o ensino de língua inglesa no Paraná. Dessa forma, entendemos que há a necessidade de ampliar essa análise para obter resultados mais amplos. Apesar disso, a análise realizada neste trabalho proporciona um panorama inicial sobre a questão e que deve ser considerado como um resultado relevante para apontar caminhos para melhorar o ensino de língua inglesa nas escolas públicas.

Consideramos igualmente conveniente ressaltar que essa pesquisa se justifica com base na importância que o livro didático tem para a educação, uma vez que ele é, na maioria das vezes, o principal instrumento de ensino do professor. Além disso, também precisamos observar que os objetivos do ensino de uma língua variam de acordo com o contexto dos estudantes e, portanto, o professor deve conhecer os propósitos do aprendizado linguístico de seus alunos, para desenvolver um trabalho mais relevante.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística: parte 1. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2012 – Ensino Médio. Brasília: 2009. Disponível em <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-editais/item/3014-editais-antiores>>. Acesso em 17 de jan. de 2013.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. A variação linguística. In: **Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus**. São Paulo, SE/CENP, 1983. v. 3.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte 2. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínio e fronteiras**. São Paulo. Cortez, 2001. v. 1.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Variação dialetal e o ensino institucionalizado da língua portuguesa In: BAGNO, Marcos. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 27-36.

DIAS, Reinildes; JUCÁ, Leina; FARIA, Raquel. **Prime: inglês para o ensino médio**. São Paulo: Macmillan, 2010. v. 1, 2, 3.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Língua estrangeira moderna: espanhol – inglês (ensino médio)**. Curitiba: SEED, 2006.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Estrangeira Moderna. Curitiba: SEED-PR, 2008.

PRETI, Dino. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: _____. (Org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000.

_____. **Um pesquisador pioneiro, premiado e... coisa inédita nos meios acadêmicos... muito humilde**. Entrevista concedida a Renira Cirelli Appa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em 15 de março de 2005. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/dinoentre.htm>>. Acesso em 29 de set. de 2011.

RAJAGOPALAN, K. A geopolítica da lingual inglesa e seus reflexos no Brasil: por uma política prudente e positiva. In: LACOSTE, Y. (Org.). **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola, 2003.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi. **As criações metafóricas na gíria no sistema penitenciário do Paraná**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Londrina: UEL, 2003.

RODRIGUES, Daniel de Sá. **O tratamento da variação linguística nos livros de didáticos de língua inglesa**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2005.

SENEFONTE, Fábio Henrique Rosa. **Ensino de fonética e fonologia da língua inglesa na perspectiva de língua franca**. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Inglesa). Cornélio Procópio: Universidade Estadual do Norte do Paraná, 2011.

SUASSUNA, Livia. **Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2005.

TORTATO, Caroline. **O livro didático público de inglês:** uma análise a partir das diretrizes curriculares de língua estrangeira moderna do estado do Paraná. Dissertação (Mestrado em Educação). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010.

TRAVAGLIA, Luis C. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.